

O Gerenciamento de Riscos nos Museus Brasileiros: uma realidade ainda distante.

Conceição Linda de França, Kleumanery De Melo Barboza

Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes

Resumo: Vários tipos de programas de Gerenciamento de Riscos destinados à conservação de acervos museológicos vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores desde os anos 1990, entretanto, não têm sido usufruídos e nem aplicados de forma eficaz pela grande maioria das instituições museológicas. Neste estudo, realizamos uma pesquisa em diversos museus históricos e de arte com o objetivo de verificar se o gerenciamento de riscos está sendo utilizado pelas instituições museológicas brasileiras e como estas aplicações estão sendo realizadas.

Palavras-chaves: Gerenciamento de Riscos, Museologia, Acervos

Abstract: Several types of Risk Management for collection conservation have been developed since the 1990s; however museum institutions have not fully benefited nor employed resources from such programs in an efficient way. In this study, we carry out an inquiry in several historical museums and of art with the objective to check if the management of risks is being used by the Brazilian museum and how these applications are being carried out.

Key-words: Risk Management, Museum.

Introdução

O gerenciamento de riscos tem se tornado um assunto de extrema importância nos diversos meios e é através da identificação e administração dos riscos potenciais que as instituições empresariais, financeiras e de outras áreas tem reduzido o impacto provocado pelas perdas de bens tangíveis e intangíveis das instituições. Na área museológica não tem sido diferente. Os gestores têm se preocupado cada

vez mais com a salvaguarda dos acervos e a possibilidade de identificar os fatores de riscos gerenciá-los a curto, médio e longo prazo deu origem a vários tipos de programas de Gerenciamento destinados à conservação de acervos museológicos que vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores desde os anos 90 do século XX. Entretanto, estes programas não têm sido usufruídos e nem aplicados de forma eficaz pelas instituições museológicas brasileiras. Em recente pesquisa realizada em diversas instituições museológicas das cinco regiões do Brasil, foi possível traçar não só o perfil do panorama museológico brasileiro, mas, também comprovar que gerenciar riscos com o objetivo de salvaguardar o acervo é uma realidade ainda muito distante e, que todos os esforços na conservação destes estão voltados apenas para o gerenciamento ambiental. Entretanto, este gerenciamento ambiental é pautado apenas no controle de temperatura, umidade e iluminação com base em níveis de tolerância pré-determinados de acordo com os materiais expostos ou acondicionados muitas vezes não levando em consideração as reais necessidades do acervo.

Caracterização dos acervos museológicos brasileiros

As instituições museológicas brasileiras possuem uma tipologia bastante diversificada, que está diretamente relacionada às características apresentadas por seu acervo. Entretanto, não há um consenso quanto à classificação dos museus, uma vez que muitos destes, sobretudo os mais antigos apresentam um acervo diversificado impedindo uma classificação formal. De acordo com Caldeira (1998), os museus podem ser classificados como museus de arte, históricos, de ciência, especializados, ao ar livre, eco museus, e casas de cultura e, os define da seguinte forma:

Os museus de arte são instituições cujas coleções foram concebidas e dispostas pelo seu valor estético, independente de serem os objetos criados ou não como obra de arte. Esta categoria abrange os museus de arte sacra, de pintura, de escultura, artes decorativas, primitivas aplicadas, industriais e folclore.

As instituições cujo acervo é composto por coleções concebidas e apresentadas em uma perspectiva histórica; com objetivo de documentar uma sequência cronológica ou um conjunto representativo de um monumento histórico, em uma área do conhecimento humano são denominados de museu histórico. Já os museus de ciência apresentam acervos relacionados ao meio ambiente e ao avanço tecnológico.

Outras definições propostas pelo autor são para os museus ao ar livre, caracterizados por espaços determinados nos limites de jardins ou parques, onde os objetos são dispostos naturalmente ou seguindo determinadas tendências. E as casas de cultura, cada vez mais frequentes na cultura brasileira e que se caracterizam pela participação dos habitantes que refletem, documentam e participam das ações coletivas da instituição, e atuam essencialmente sobre a população envolvida.

Entretanto, existem muitos outros tipos de museus que não são mencionados pelo autor mas que possuem igual importância por se caracterizarem como espaços interdisciplinares que visam promover o interesse de seus visitantes pelos temas ali apresentados. Esta distribuição das diversas tipologias dos museus no Brasil pode ser verificada no gráfico a seguir.

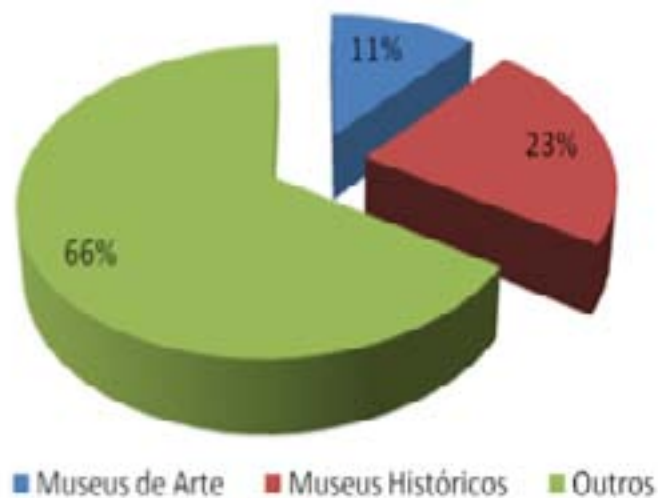


Gráfico 1 – Tipologia dos Museus Brasileiros. Fonte:
Sistema Brasileiro de Museus - 2008

Através da análise deste gráfico, podemos observar que uma parcela significativa corresponde aos Museus de Arte e Históricos. Porém, conforme relatado anteriormente, em muitos museus brasileiros não existe uma distinção clara entre as tipologias de acervos. Diante deste fato, nesta pesquisa optamos por trabalhar com museus de arte e museus históricos, uma vez que durante a pesquisa estes acervos revelaram uma tênue distinção entre si. Diversos museus históricos pesquisados apresentavam em seu acervo uma representativa quantidade de obras de arte, o que dificultaria uma distinção entre os dois.

Metodologia

Diante da quantidade de museus instalados em todo país torna-se inviável realizar uma pesquisa que contemple todas as instituições. Por este motivo fizemos inicialmente uma pré-seleção das instituições a serem pesquisadas, contemplando museus históricos e de arte nas cinco regiões do país.

Para a realização deste estudo decidimos trabalhar apenas com museus presenciais. A pré-seleção das instituições estava condicionada a existência de um contato (telefone, e-mail ou endereço). Outro critério adotado foi a questão da proximidade privilegiando museus localizados nas capitais ou em cidades próximas, uma vez que para a segunda etapa da pesquisa se fazia necessária a visita a algumas destas instituições para a aplicação e avaliação dos dados.

O primeiro passo para a realização do trabalho foi um minucioso levantamento sobre a quantidade de instituições museológicas do país, a que instâncias pertencem e a tipologia do acervo.

De posse destas informações, selecionamos 85 museus de Arte e 196 Museus Históricos, nas esferas municipal, estadual, federal e particular em algumas das principais capitais das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul para as quais enviamos questionários e realizamos contato através de telefonemas e e-mails.

Na elaboração dos questionários, tivemos o cuidado de utilizar uma linguagem simples com termos conhecidos no âmbito museológico, a fim de evitarmos erros de mediação. Optamos pelo questionário por ser um método rápido, uma vez que é estipulado um prazo para sua devolução e, principalmente, por permitir menor risco de distorções, uma vez que é isento de influência por parte do pesquisador.

Na elaboração do questionário enviado às instituições museológicas foram considerados alguns critérios, como dados sócio-demográficos (nome, tempo de trabalho na instituição e área de atuação no museu), questões relativas ao acervo e a experiências e/ou conhecimentos na área de gerenciamento ambiental e de riscos. Foi estipulado um prazo de quinze dias a contar da data do recebimento para a devolução dos questionários respondidos.

A metodologia adotada nesta pesquisa é mista e inclui duas etapas – quantitativa e qualitativa. Optamos por combinar estes dois métodos de estudo com a finalidade de obtermos resultados mais concretos. Segundo Goldenberg (2005) trabalhar com as pesquisas quantitativas e qualitativas de forma integrada permite

ao pesquisador obter dados mais confiáveis, uma vez que não se limita a apenas um procedimento, como a entrevista, podendo fazer uso de vários meios para coletar os dados seja através de repetidas entrevistas, aplicação de questionários, investigações em diferentes fontes documentais e dados estatísticos.

De acordo com Salles Jr. (2008), a única justificativa plausível para utilizar apenas a qualificação é se nos sentirmos inseguros em estabelecer números para probabilidade e impacto de riscos. Porém, se não começarmos a quantificar, jamais teremos históricos e sem históricos não teremos informações para embasar uma decisão segura.

Às instituições pré-selecionadas, foram enviados questionários com questões abertas, direcionados a um universo específico de respondentes, com a intenção de alcançarmos os objetivos da pesquisa. Juntamente com o questionário, enviamos um e-mail de apresentação explicando o projeto e ressaltando a importância da participação dos funcionários responsáveis pela administração do museu, bem como realizamos contato telefônico.

Do total de Questionários enviados, recebemos respostas de 32 Museus de Artes e 87 Museus Históricos, o que corresponde a um universo de 30%, conforme pode ser verificado no gráfico 2. A partir da avaliação do conjunto de respostas, foi possível não só selecionarmos algumas instituições para realizarmos uma visita e aprofundarmos a pesquisa como também traçarmos o perfil dos profissionais e das instituições no que se refere à questão da gerência de riscos.



Gráfico 2 – Total de questionários enviados e respostas recebidas

Das 119 Instituições que enviaram os questionários respondidos, selecionamos 20 destas nas quatro esferas (federal, estadual, municipal e particular), quando possível, nos Estados de Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás.

O critério utilizado para esta seleção foi estabelecido com base nas informações fornecidas pelo conservador e/ou museólogo ao mencionar ter conhecimento do gerenciamento de riscos (gráfico 3).



Gráfico 3 – Controle de respostas de conservadores e museólogos afirmando ter ou não conhecimento sobre gerenciamento de riscos.

Para estas instituições enviamos uma carta de apresentação solicitando o acesso à mesma e aos funcionários, bem como a documentações e informações sobre práticas conservativas realizadas no museu. Realizamos também contatos telefônicos com o objetivo de agendar as visitas. Esta ação permitiu que as Instituições pudessem planejar seus horários, de modo a incluir nas suas atividades este compromisso adicional.

As entrevistas foram realizadas mediante um roteiro de questões estruturadas a partir das informações obtidas através dos questionários recebidos. Estas questões possuíam metas e assuntos específicos para o tipo de informação a ser coletada. As duas primeiras perguntas tinham por finalidade obter informações sobre aspectos gerais, mais especificamente sobre as áreas de atuação do entrevistado.

As quatro perguntas seguintes tratavam especificamente da aplicação do gerenciamento de riscos, a metodologia empregada na Instituição e quais os critérios definidos pela mesma para identificação e classificação dos riscos. As duas últimas questões tinham por objetivo levantar informações sobre os resultados obtidos com a gerência dos riscos e os procedimentos adotados para assegurar o sucesso do projeto. Vale salientar que todas as entrevistas foram gravadas para evitar que erros fossem cometidos durante a análise dos dados.

Após a conclusão de todas as entrevistas, as informações obtidas foram organizadas e analisadas. Os resultados destas análises, referentes à aplicação da metodologia descrita anteriormente serão relatados a seguir.

Avaliação dos dados e discussão acerca dos resultados

Dos questionários respondidos, 67 foram por museólogos ou conservadores-restauradores, 29 por responsáveis pela administração do museu e 23 por profissionais responsáveis pelo acervo conforme pode ser observado no gráfico 4. Dos 119 funcionários que responderam ao questionário, 84 possuem vínculo com a instituição há mais de 10 anos.

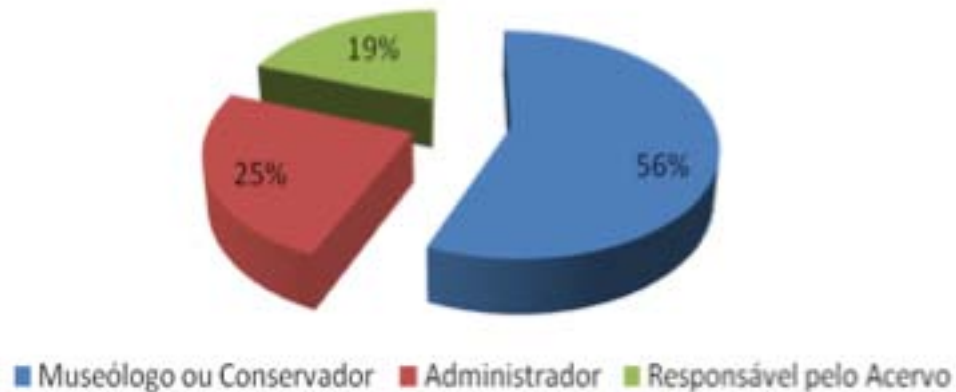


Gráfico 4 – Perfil dos profissionais que responderam ao questionário enviado aos museus

Conforme já havíamos previsto, os museus apresentaram um acervo diversificado, a exemplo dos antigos gabinetes de curiosidades, o que nos impediria de trabalhar apenas com o museu de arte ou o museu histórico uma vez que ambos apresentam coleções similares em sua maioria. Nas respostas aos questionários em vários museus de arte encontramos coleções etnográficas, mobiliários, fotografias, entre outros.



Gráfico 5 – Responsabilidade sobre a segurança do acervo, do ponto de vista dos entrevistados.

Com relação à segurança dos acervos, é interessante notar que em grande parte dos museus, não existem políticas de segurança voltadas para a prevenção de ocorrências de furtos ou roubos, assim como para a proteção contra acidentes.

Quando perguntados sobre a quem deveriam recorrer em caso de roubos, vandalismos ou acidentes, a maioria dos entrevistados respondeu que deveriam procurar a polícia. Uma pequena quantidade de respondentes afirmou que deveriam comunicar o fato à diretoria, ao departamento de conservação, ao departamento de acervo ou à segurança conforme pode ser observado no gráfico 5.

O acionamento da polícia, certamente deve fazer parte da ação, porém é necessário que os museus possuam uma equipe devidamente capacitada para tomar as medidas imediatas e acionar as autoridades e órgãos competentes.

Outro ponto que chama atenção são os equívocos cometidos por uma parcela representativa de pesquisados ao considerar que gerenciamento de riscos e gerenciamento ambiental possuem a mesma função. Só foi possível chegarmos a esta conclusão através de um segundo contato com a finalidade de esclarecermos alguns pontos que necessitavam de uma informação mais aprofundada. Este contato realizado pessoalmente trouxe à tona esta problemática.

O mesmo equívoco é cometido com as definições de risco e perigo, que freqüentemente são tratados como sinônimos. Além disto, são citados sempre relacionados a fatos ou ações negativas. Ainda com referência aos riscos, quando perguntamos sobre o que consideram como fatores de riscos ao acervo, geralmente obtemos como respostas problemas elétricos, hidráulicos e furtos ou roubos, não considerando diversos outros fatores que poderiam ser considerados como riscos potenciais.

Os pesquisados que conheciam as ferramentas de gerenciamento de riscos (ABC Scale e Ratio Scale) revelaram que nunca fizeram uso destas. Os motivos para a não utilização não ficam claros e apontam para vários fatores que vão desde ausência de tempo, de pessoal e excesso de atividades, até a falta de recursos para a aplicação.

De acordo com as informações obtidas a partir da análise dos dados, ficou claro que o gerenciamento de riscos ainda não é uma realidade nos museus brasileiros e que os esforços na conservação dos acervos estão voltados apenas para o gerenciamento ambiental. Entretanto, conforme citado anteriormente, este

gerenciamento ambiental é pautado apenas no controle de temperatura, umidade e iluminação com base em níveis de tolerância pré-determinados de acordo com os materiais expostos ou acondicionados, não levando em consideração as reais necessidades do acervo.

Considerações finais

Diante do breve panorama apresentado, ressaltamos a importância da implantação de um programa de identificação e gerenciamento de riscos efetivo com o objetivo de salvaguardar séculos de história que se encontram nos museus brasileiros. Entretanto, não se pode esquecer que um dos mais importantes fatores para o sucesso da implementação de um projeto de riscos é o envolvimento da equipe de funcionários do museu em todas as etapas e a realização de avaliações constantes e sistemáticas de todos os riscos identificados. Pois só desta forma poderemos alcançar as metas estabelecidas no projeto que é a mitigação ou eliminação da ação dos riscos.

Referencias Bibliográficas.

ALARCÃO, Catarina. Prevenir para preservar o patrimônio museológico. Portugal, 2007.

ASHLEY-SMITH, Jonathan. Risk Assessment for Object Conservation. Oxford: Butterworth-Heinemann. 1999.

BARBOZA, Kleumanery de Melo. Gestão de riscos para acervos museológicos. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Record, 2005.

SALLES JUNIOR, Carlos Alberto Correa; SOLER, Alonso M.; VALLE, José Angelo S. do; RABECHINI, Roque Junior. Gerenciamento de Riscos em Projeto. São Paulo: FGV, 2008.

THOMSON, Garry. The Museum Environment. Inglaterra: Butterworth-Heinemann, 1994. 2.ed.